

O FENÔMENO DO PROFETISMO

(Apontamentos)

Haroldo Reimer

RESUMO: O artigo busca mostrar que o profetismo é um fenômeno comum ao contexto do antigo Oriente Próximo. Discute a terminologia, a social, as formas comunicativas, a mensagem e as releituras de textos proféticos. Busca discutir o material em perspectiva fenomenológica.

The article tries to show that prophetism is a common phenomenon to the context of the Ancient Middle East. It underlines terminology, social function, communication forms, message and relectures of prophetic texts. The article intends to present the question in the perspective of phenomenology of religion.

Palavras-chave: profetas, releituras, Bíblia, fenômeno, função social.

O 'profetismo' é um fenômeno comum nas culturas do antigo Oriente e especialmente no antigo Israel, com manifestações em tempos posteriores. O fenômeno está atestado, por exemplo, em textos dos arquivos do reino de Mari (atual Síria), na Mesopotâmia, no Egito. Mas é nos textos bíblicos que ele tem a sua expressão mais conhecida e influente na Antiguidade.

No espaço deste breve artigo, procuraremos fazer apontamento sobre a terminologia relativa à figura do profeta, às funções, às formas comunicativas da mensagem e às releituras.

Terminologia

Quando falamos de 'profetismo' ou de 'profetas', estamos tratando da existência de pessoas que se sentiam, se apresentavam e falavam perante a comunidade como portadoras de mensagens divinas. Tais pessoas recebem designações diferentes nas suas respectivas culturas e línguas. Em Mari, usava-se o termo *muhhum* e *apilum*; na Babilônia, o termo *baru*; em Israel cunhou-se o termo *nabi'* como termo genérico para tais personagens ou figuras. Em português, usa-se o termo 'profeta', que deriva da tradução que a versão grega da Septuaginta atribuiu aos nomes semíticos originais: *prophetes*. Este termo deriva do verbo *pro-phemi*, significando "falar diante de", "falar em nome de". De uma forma geral, tem-se aí o sentido fundamental de que profetas são mediadores entre divindades e seres humanos.¹

Na Bíblia hebraica encontramos diferentes tipos de profetas inclusive com designações distintas. O termo *nabi'* serve como uma espécie de designação genérica. Mas há outros termos.

Os termos 'homem de Deus' (*ish elohim*) e 'vidente' (*ro'eh*) por vezes são usados como sinônimos (1Sm 9,6.10), assim como também o termo 'visionário' (*hozeh*). Todos juntos são entendidos, sobretudo a partir do séc. VI a.C. como 'profetas' (*nabi'* – Is 29,10). O termo *nabi'*, embora seja designação genérica dos profetas hebraicos, parece ser mais indicativo daqueles profetas inseridos em corporações ou escolas proféticas (como Elias e Eliseu) ou ligados ao espaço do templo e da corte (p. ex. Natã). Por isso costumam ser designados também como profetas 'cúlticos' ou 'institucionais'. Estes parecem ter constituído a matriz mais comum do fenômeno profético.

Corpus profeticum

A Bíblia hebraica tem uma de suas partes dedicada aos 'Profetas'. Sabidamente, o cânon hebraico tem uma estrutura tripartite (Torá [*Torah*], Profetas [*Nebiim*] e Escritos [*Ketubim*]). Esta segunda parte do cânon está constituída pelo que os cristãos costumam chamar de 'livros históricos', embora não haja aí plena coincidência quanto ao objeto. Os livros de Josué, Juízes, 1+2 Samuel e 1+2 Reis, conhecidos como a Obra Historiográfica Deuteronomista, constituem os 'profetas anteriores' (*nebi'im aherim*)², enquanto que os livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze menores (*Dodekapropheton*) constituem os 'profetas posteriores'. Esquemáticamente temos, portanto:

Profetas 'anteriores': Js, Jz, 1+2 Sm, 1+2 Rs

Profetas 'posteriores': Is, Jr, Ez, + 12 'menores'

Os 'profetas posteriores' são, por sua vez, divididos em 'profetas maiores' e 'profetas menores', sendo, por ocasião da coleção e transmissão, o tamanho dos rolos constitutivo para tal designação. São também designados de 'profetas literários' justamente por causa dos textos agregados em torno do personagem profético que dá nome aos livros.³

A versão grega da Septuaginta reorganizou esta ordem canônica da Bíblia hebraica, inserindo aí o livro de Daniel, e qualificando como profético este livro, que, como expressão do gênero apocalíptico, originalmente, no cânon hebraico, figura entre os Escritos. Também o livro de Lamentações foi inserido entre os proféticos, sendo este atribuído a Jeremias; o livro de Baruc também aí recebeu o seu lugar. Na Septuaginta, este conjunto dos livros proféticos 'clássicos' foi alocado após os Escritos como parte canônica preparatória do anúncio da vinda do Messias, ocasionando, assim, a separação em relação aos livros de Josué a 2 Reis. Com isso o arco narrativo produzido no cânon hebraico foi rompido pelos tradutores e reorganizadores responsáveis pela Bíblia dos Setenta.

Modos de obtenção das mensagens

Na Antiguidade oriental e próximo-oriental, os profetas tinham formas distintas para obter suas mensagens.

Por um lado existem as mensagens *dedutivas* ou intuitivas, obtidas através da observação, por exemplo, de entranhas de animais, vôo de aves, líquidos e dos próprios fenômenos naturais. Trata-se aí de um processo de composição da mensagem similar à da adivinhação, como, por exemplo, no atual jogo de búzios.

Por outro lado, há as mensagens *indutivas*, em geral obtidas em transe extático, por meio de sonhos, de visões e de audições. Neste caso, trata-se de conteúdos que se formam na consciência da pessoa e que necessitam de formas para sua comunicação. Talvez até seja mais apropriado dizer que sonhos, visões, audições constituem já 'formas comunicativas' de conteúdos formados na consciência da pessoa por meio de processo hermenêutico.

Formas comunicativas

De qualquer maneira, as mensagens proféticas são formas comunicativas de uma experiência religiosa. No conjunto da forma comunicativa (visão, sonho, audição, etc.) está pressuposta uma manifestação ou um contato com determinada divindade, seja ela Yahveh, Baal, El, Marduc, etc.

Um tipo de mensagem muito característico é o *dito de mensageiro*, por meio do qual o profeta se apresenta como porta-voz da divindade. Dentro desta forma comunicativa muitas vezes também estão inseridas palavras e avaliações da realidade histórica em que o profeta e a respectiva comunidade estão inseridos.

O *dito profético* é outra forma característica de comunicação de mensagem profética. Um dito é constituído fundamentalmente de duas partes distintas: denúncia e anúncio. As denúncias, que constituem as fundamentações dos anúncios, muitas vezes, são análises da realidade histórico-social, enquanto que o anúncio é formalmente apresentado como fala da divindade. O anúncio pode ser negativo, falando-se, então, de dito de desgraça ou de juízo, ou, então, positivo, expressando-se com isso um conteúdo de graça e restauração.

Os '*ais*' também são gênero muito utilizado na profecia (Am 5,18; 6,1; Is 5; Hc 2).

Em cada uma destas formas ou espécies da comunicação profética, pode-se supor uma ação comunicativa performática, isto é, a figura profética intervindo concretamente em praça pública, no portão da cidade ou no templo. Várias passagens do livro de Jeremias são elucidativas neste sentido (Jr 26; 36).

Os anúncios proféticos estão, em geral, direcionados para algum momento do presente ou também do futuro do povo ou da comunidade. Por esta razão fala-se de mensagens 'escatológicas'. Não se trata, porém, de uma escatologia no sentido do 'juízo final' da história, mas do anúncio de uma intervenção divina na realidade histórica. Muitas vezes esta intervenção é anunciada em associação com o "dia de Yahveh" (Am 5,18-20). Parece tratar-se de uma expectativa cultivada em espaços oficiais, segundo a qual em determinado momento histórico o próprio Deus interviria na história, promovendo transformações substanciais na história do povo (Am

5,18).⁴ Essa intervenção anunciada também é entendida por alguns profetas como historicamente mediada como por meio de uma potência estrangeira (Assíria ou Babilônia), a qual é afirmada como braço estendido de Deus para julgar o povo (Is 10,5; Jr 36; Is 45,1).

Perspectiva a partir dos pobres

De uma forma geral, a opressão dos pobres, viúvas, órfãos, a violência contra os humildes e o desprezo do direito divino (*mishpat*) e da justiça (*sedaqah*) são apresentados como motivos para o anúncio do juízo divino ou da conseqüente “intervenção divina” na história.

Isso transparece de forma especial nos chamados ‘profetas clássicos’ do século VIII a.C. Trata-se aí de Amós e Oséias, relacionados ao Reino do Norte, e Isaías (cap. 1-39) e Miquéias, relacionados ao Reino do Sul, Judá. Especialmente o profeta Amós se destaca na denúncia das atrocidades dos ricos e poderosos de Israel contra os empobrecidos e ‘fracos’ na sociedade (Am 2,6-16; 3,10-12; 5,7-17; 6,1-7; 8,1-3). De formas diversas, este profeta anuncia um juízo vindouro, entendido desde sua perspectiva como ato de justiça da parte de Deus.⁵

A perspectiva a partir dos pobres, porém, continua em textos de profetas do século VII como Jeremias, Sofonias e também Habacuc. A voz profética deixa seus ecos nas codificações legais de Israel.⁶

Essa vinculação da voz profética com o direito dos pobres constitui elemento de crítica e distanciamento de alguns destes personagens em relação ao poder constituído.⁷

Diversos tipos, designações distintas

É sintomático que os colecionadores das palavras dos profetas ‘clássicos’ (Amós, Isaías, Jeremias, Amós, Oséias, Miquéias, Sofonias, etc.) do período pré-exílico (séculos VIII e VII a.C.) não utilizam o termo *nabi*’ para designar os personagens que dão nome aos livros. A única exceção é constituída pelo livro de Habacuc (Hc 1,1; 3,1), o que talvez tenha a ver com a possibilidade deste personagem ter sido ‘profeta cúltico’, isto é ligado à estrutura do reinado-templo. Os profetas clássicos dos séculos VIII e VII a.C. chegavam a negar explicitamente a designação de *nabi*’ (Am 7,14), ressaltando a sua atividade como um *carisma* diretamente outorgado pela divindade. Isso se percebe especialmente nos relatos de vocação profética (Is 6,1-8; Jr 1,4-10; Am 7,10-17).

Os relatos de vocação profética, especialmente dos ‘profetas clássicos’ funcionam retoricamente como comunicações de credenciamento e legitimação para a atuação destes personagens carismáticos em meio à comunidade. Com isso, este tipo de profeta, que poderia sofrer represálias devido aos conteúdos de suas mensagens de crítica ao poder estabelecido (Am 7,10-17; Jr 36), estaria devidamente resguardado como mediador entre Deus e o povo. O relato de vocação funcionava como legitimação religiosa da atuação política do profeta. Os profetas cúlticos, por sua vez, tinham sua legitimidade assegurada pela *instituição*, na qual estavam inseridos.

‘Verdadeira’ versus ‘falsa’ profecia

A partir do século VIII a.C. desenvolve-se no antigo Israel uma polêmica sobre *verdadeira e falsa profecia*. Trata-se basicamente de uma discussão sobre o *conteúdo* das mensagens. Tradicionalmente, os profetas institucionais tendiam ao anúncio de mensagens positivas de graça para o próprio povo e de juízo para os outros. Com Amós, na metade do século VIII a.C., inicia-se uma nova tradição, na medida em que o juízo é direcionado também contra o próprio povo de Israel (Am 2,6-13; 5,18-20).

Tal mudança de conteúdo acarreta um distanciamento crítico em relação ao centro de poder. Isso gerou, no fenômeno profético, dois tipos distintos de profecia no que tange ao conteúdo, havendo, porém, similaridade quanto à forma. Ambos se apresentavam como mediadores entre o Deus Yahveh (Mq 3,4-7) e o povo e é em nome da mesma divindade que acontecem as acusações mútuas. O caso mais conhecido é a disputa entre Jeremias e Hananias relatado na carta de Jeremias em Jr 28-29.

Face ao fenômeno da comunicação de mensagens distintas a partir da mesma ‘matriz divina’ ou ‘sobrenatural’, por meio de formas similares quanto ao procedimento e obtenção dos conteúdos, resulta a necessidade de discernimento do seja verdadeiro ou falso por parte da comunidade. A pergunta que se colocava para os interlocutores dos profetas face à esta disparidade de conteúdos era: quem, afinal, é o profeta verdadeiro e quem é o falso?

O código deuterônômico (Dt 12-26), do final do século VII a.C., além de proibir determinadas formas de profecia (Dt 18,10-14) e somente permitir a profecia indutiva especialmente na forma de ditos, estabelece também o critério do cumprimento temporal da mensagem anunciada.⁸ A mensagem que se cumpre deverá ser considerada verdadeira, outorgando-se também este veredito para o próprio profeta. O não cumprimento histórico implicará na falsidade da mensagem e na condenação do respectivo profeta.

Essa postergação temporal para a verificação do caráter de 'verdadeira' ou 'falsa' profecia provavelmente acarretou uma insistência na afixação por escrito das mensagens proféticas como se pode perceber nas instruções que Habacuc recebe de Deus para afixar sua mensagem por escrito, porque ela ("se tardar, espera-o, porque, certamente não tardará [em cumprir-se]" - Hc 2,1-4). O caráter de verdadeira ou falsa profecia depende da aplicação de critérios *a posteriori*, não se aplicando ao modo e à origem do fenômeno no momento originário da comunicação do conteúdo. O texto de Dt 18 também estabelece o personagem Moisés como a *representação ideal* do profeta, que assume com isso também as funções de legislador, sacerdote, e hagiógrafo.

A destruição de Jerusalém em 586 a.C. e a conseqüente experiência do exílio, de modo diverso para a elite deportada para a Babilônia e o povo simples que permaneceu na terra, constituiu o 'gatilho histórico' para desencadear um processo intenso de coleção das palavras dos profetas críticos. A partir deste momento, palavras dos profetas 'carismáticos' pré-exílicos, guardados na tradição popular, de forma oral ou em parte afixadas por escrito, passaram a ser avaliadas como verdadeiras a partir da nova experiência histórica e passando a ser colecionadas rumo à formação de um cânon profético. Antes disso, porém, já havia processos mais circunscritos de coleção e fixação literária das mensagens proféticas, por vezes condensadas na forma de 'panfletos'. Deve-se trabalhar com a hipótese de que em torno dos personagens proféticos havia grupos de suporte, responsáveis pela transmissão dos respectivos conteúdos (Jr 26,1-19; Mq 3,12). Evidencia-se, assim, uma relação da voz profética com formas de organização social da época.⁹

Releituras

Um fenômeno típico no processo de transmissão das palavras proféticas são as *releituras*, isto é, o fato de palavras, ditos, coleções serem reinterpretadas e até ampliadas dentro de um novo contexto histórico.¹⁰ Neste sentido, as palavras proféticas são marcadas por um dinamismo no processo de transmissão. Esse dinamismo termina com a fixação do texto dentro de uma estrutura de cânon, mas continua em outro gênero de literatura interpretativa, como por exemplo nos *midraxes*. Um *midrax* é um tipo de interpretação, no qual se busca afirmar um sentido e não tanto rememorar o contexto histórico.

No processo de releitura é comum a sobreposição de novos sentidos aos textos ou fragmentos de textos proféticos. Assim, por exemplo, pode-se verificar no caso de Oséias a sobreposição de uma perspectiva monolátrica, que provavelmente não estava presente nas palavras e na intenção deste personagem do século VIII a.C. Provavelmente trata-se de releitura de época posterior, derivando dos interesses da *golah* judaíta que retorna da Babilônia e reformata a vida social e religiosa na pequena província de Yehud-Judá.¹¹

Profetisas

A maioria dos personagens proféticos é do sexo masculino. Nos textos dos 'profetas anteriores' são mencionadas algumas mulheres profetisas. Ai o título profetisa (*nebi'ah*) é aplicado a Débora (Jz 4,4) e a Hulda (2 Rs 22,14; cf. 2 Cr 34,22), as quais marcam uma moldura dentro de toda a obra histórica. Também nas aberturas dos livros de Samuel e Reis aparecem mulheres como protagonistas, sem, contudo, receberem o título de profetisas.¹² Entre os profetas 'clássicos', a mulher de Isaías é chamada de profetisa (Is 8,3) e em Ez 13,17 o termo é explicitamente omitido. No Pentateuco, Miriã é designada de profetisa em duas ocasiões (Ex 15,20; Nm 11-12). No período persa, há ainda a menção negativa da profetisa Noadia, que, junto com outros profetas, protagonizava resistência aos empreendimentos de Neemias (Ne 6,7-14).

Novo Testamento

No Novo Testamento, o título profeta é aplicado várias vezes a Jesus (Mt 21,11; Lc 24,19), colocando-o explicitamente na linhagem dos profetas carismáticos e apresentando-o como o profeta ideal. Neste sentido aplicam-se a Jesus os requisitos para o profeta mencionado em Dt 18,9-22. Também Ágabo é designado por

este título (At 11, 28). O título profetisa é atribuído a Ana (Lc 2,36) e indicado como auto-designação de Jezabel (Ap 2,20), mas é conhecido o fenômeno de mulheres com carismas proféticos (At 2,17-18; 16,16; 21,9; 1 Co 11,5).

Freqüentemente, ocorre no NT o uso do termo profeta como designação genérica para os personagens do Antigo Testamento e como designação de uma das partes do cânon hebraico. O fenômeno da profecia é conhecido e reconhecido como um dom nas comunidades cristãs originárias (At 2,17-18). Com isso estabelece-se vínculo com a tradição 'vêtero-testamentária'. De uma forma geral, o profetismo projeta a mensagem da 'universalidade' da ação de Deus na história. Nos profetas, Deus é afirmado como o mantenedor da criação em ações de direito e justiça, sobretudo em favor das pessoas empobrecidas.

O uso de textos proféticos para a apresentação da figura de Jesus como messias dentro do modelo da tipologia constitui uma forma de releitura e de sobreposição de sentido em relação aos textos em seu sentido originário.

Em outros contextos

Vimos acima que o fenômeno da profecia não está confinado somente ao espaço do antigo Israel. Ele antecede a existência de Israel, se expressa simultaneamente em outros espaços contemporâneos a Israel, continua nos tempos das primeiras comunidades cristãs, na história da igreja e no surgimento de outras expressões religiosas que trabalham como o pressuposto da 'revelação'. Assim, por exemplo, o fenômeno da profecia e da mediação profética está presente no surgimento e na constituição do Islã com o profeta Muhammed. O fenômeno também continua, embora de forma modificada, no tempo presente como figuras como Mahatma Ghandi, Nelson Mandela, Helder Câmara e Betinho.¹³